

## A Relação entre Objetos e Personagens nos Textos de Felisberto Hernández

Silviana Deluchi\*

**Resumo:** Muito se discute que os objetos, na sociedade moderna capitalista, detêm mais valor de troca do que valor de uso, quase se esquece o valor das trocas simbólicas e do valor simbólico desses objetos. Felisberto Hernández traz à tona essa discussão em muitos de seus textos, ambientando os objetos em suas narrativas, dando a eles, por muitas vezes, maior relevância do que as personagens humanas. Tem-se em *Las Hortensias* objetos de desejo, consumidos a fim de suprir desejos e ostentar poder financeiro, objeto visto como simples mercadoria. Em outros, tais como, *El caballo perdido*, *Por los tiempos de Clement Colling* e “El cocodrilo”, há uma relação entre objetos e ser humano, uma troca simbólica entre ambos, objeto e homem se ligam através da profissão, músico e escritor. Com este trabalho se pretende demonstrar que esses mesmos objetos que servem ao capitalismo, podem ser a resistência a eles. Pensando a música para além do objeto em que é executada, e a literatura, que apesar de sobreviver na oralidade, necessita de objetos para ser escrita, e também do consumidor. Os mesmos objetos que carregam o espectro do capitalismo, também podem ser a pequena luz dos vaga-lumes ofuscadas, mas ainda existentes.

**Palavras-chave:** Objetos; valor simbólico; capitalismo; resistência.

**Abstract:** In modern capitalist society, there is debate that objects hold a bigger exchange value than use value, and the symbolic exchanges and

---

\* Mestre em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

values of such objects are almost forgotten. Felisberto Hernández brings forth this discussion in many of his writings, setting objects in his narratives, and, many times, giving them more importance than the human characters. In *Las Hortensia'*, there are objects of desire, used to fulfill desires and flaunt financial strength, object seen as mere commodity. In other texts, such as *El caballo perdido*, *Por los tiempos de Clement Colling* and "El cocodrilo", there is a relationship between objects and human beings, a symbolic exchange between them; object and man connect themselves through profession, musician and writer. This study intends to demonstrate that these same objects that serve capitalism, can also be used in its resistance. Thinking about music beyond the objects through which it is executed, and literature, that despite surviving in orality, needs objects to be written, and also needs consumers. The same objects that carry the specter of capitalism, can also be the little light of the fireflies overshadowed, but still in existence.

**Keywords:** Objects; symbolic value; capitalism; resistance.

### **Possíveis valores atribuídos aos objetos**

Muito se discute que os objetos detêm mais valor de troca do que de uso, que quase se esquece o valor das trocas simbólicas e do valor simbólico desses objetos. Na contemporaneidade muitos desses objetos, que se pensa ter real valor simbólico e de uso, não passam de puro fetichismo. O objeto passa a ser fetiche quando entra na "moda", quando por algum motivo, talvez banal, se sente a "necessidade" de tê-los. Porém, que necessidade é essa? Será que esses objetos que supostamente se pensa ter a necessidade de tê-los, são realmente necessários? Talvez fosse interessante lançar aqui mais uma pergunta, esta feita por Baudrillard, quanto ao caráter fetichista dos objetos. Pergunta esta, que parece ser pergunta e resposta em si mesma.

Que significa o conceito de "fetichismo da mercadoria", senão a ideia de uma "falsa consciência" votada ao culto do valor de troca (ou ainda, actualmente, no "fetichismo" do *gadget* e do objeto, votada ao culto dos valores "artificiais", libidinais ou de prestígio, incorporados no objecto)

– o que supõe algures o fantasma ideal de uma consciência não alienada, ou de um estatuto objectivo “verdadeiro” do objecto: o seu valor de uso? (BAUDRILLARD, 1995, p. 82-3)

Felisberto Hernández traz em seus textos uma infinidade de objetos, com os quais, geralmente, as personagens mantêm um relacionamento afetivo. Em muitos dos seus textos os objetos ganham mais destaque, são mais valorizados do que as personagens humanas. Para ele, poder-se-ia dizer, que os seus objetos têm valor simbólico, que eles realmente representam algo mais do que uma mercadoria adquirida porque se pensou ter necessidade, seja ela real ou fetichista. Mesmo porque em muitos casos, o objeto nem pertence à personagem que o admira, ela simplesmente observa e cria um laço com estes objetos.

Em vários textos, Hernández, humaniza os objetos, não só os humaniza como lhes dá toda uma aura límpida e desprovida de qualquer valor mercadológico, diferente das prostitutas de Baudelaire. As quais Susan Buck-Morss traz em seu texto *Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens* (2002, p. 227), onde Baudelaire dizia que as prostitutas eram o emblema do capitalismo, pois sintetizavam a forma e o conteúdo da mercadoria, sendo mercadoria e venda de uma só vez. Hernández não marginaliza seus objetos mercantilizando-os e sim os valoriza, criando, de certa forma, algum vínculo sentimental com eles, a exemplo dos objetos encontrados no texto *El caballo perdido*.

Al principio iba hacia una mujer de mármol y le pasaba los dedos por la garganta. [...] Yo había tomado a la mujer del pelo con una mano para acariciarla con la otra. [...] Sin querer, al encontrarla parecida a una mujer de la realidad, había pensado en el respeto que le debía, en los actos que correspondían al trato con una mujer real. [...] En aquella mujer se confundía algo conocido – el parecido a una de carne y hueso, lo de saber que era de mármol y cosas de

menor interés – ; y algo desconocido – lo que tenía de diferente a las otras, su historia. (HERNÁNDEZ, 2005, p. 12-3)

Mesmo sendo a mulher de mármore apenas um objeto decorativo, sem valor de uso, por assim dizer, o narrador-personagem a vê e se dirige a ela como a uma mulher real, de carne e osso, e a trata com o devido respeito que merecem as mulheres reais. Já em outra passagem deste mesmo texto, Hernández, como escritor, traz o piano, este que o acompanhou durante boa parte de sua vida, tendo em vista que além de escritor, foi pianista, e por algum tempo exerceu os dois ofícios paralelamente. Este piano visto para além do seu valor de uso e também símbolo de sua profissão, mas ainda entendido como um amigo, que o acompanha em sua jornada de trabalho, responsável pelo seu sustento, e com quem pode dividir seus sentimentos.

El piano era una buena persona. Yo me sentada cerca de él; con unos pocos dedos míos apretaba, muchos de los suyos, ya fueran blancos o negros; en seguida le salían gotas de sonidos; y combinando los dedos y los sonidos, los dos nos poníamos tristes. (HERNÁNDEZ, 2005, p. 28)

Talvez, poderia ser arriscado lançar tal questão, de que Hernández estaria fazendo uma crítica ao sistema capitalista, a um consumismo desenfreado, à infinidade de mercadorias que hoje são apresentadas à sociedade. Fazendo com que assim o indivíduo esqueça o real valor que os objetos que o cercam carregam, sendo eles apenas decorativos ou usados em sua profissão, ou ainda, como no caso do piano, para o deleite através da música. Ainda poderia estar se referindo a esta sociedade capitalista onde o indivíduo é “obrigado” a consumir por consumir, para estar, ou se sentir, inserido nesse modelo de sociedade, como se precisasse consumir para poder participar dela. Ou será que Hernández, tentou lembrar o que Marx dizia, quando este lança a alegoria da mesa que “cria” pernas, levanta sua cabeça de madeira para dizer que os objetos só assumem

valor de troca, que passam a ser mercadoria juntamente com outras mercadorias, quando eles são comercializados e não antes?

Para Marx todo o objeto resultado do trabalho humano empreendido em sua confecção adquire valor de uso, valor natural, pois será destinado à satisfação das necessidades primárias do ser humano. Porém, esse mesmo objeto só se tornará mercadoria e assumirá valor de troca quando se relacionar socialmente com outros objetos mercadoria. Então, se um objeto, ou produto, resultante do trabalho humano (como por exemplo, o trigo cultivado em propriedade familiar) somente for útil para a subsistência familiar, não carregará valor de troca, porque somente assume tal valor a partir do momento em que estiver no mercado em relação com outros objetos com valor de uso destinados à troca. Assim, todo objeto produzido pelo trabalho humano assume valor de uso, mas é na relação social com outros objetos com igual valor de uso que assumirá valor de troca e se realizará como mercadoria. O valor de troca só pode ser exercido perante relações sociais, tal como a linguagem. Marx ainda diz que para a mercadoria ter valor de troca ela não pode ser comparada a outra mercadoria de mesmo tipo, somente em relação a mercadorias diferentes.

*A mercadoria é valor de uso ou objeto de uso e “valor”. Ela apresenta-se como esse duplo, que ela é, tão logo seu valor possua uma forma rápida de manifestação, diferente da sua forma natural, a do valor de troca, e ela jamais possui essa forma quando considerada isoladamente, porém sempre apenas na relação de valor de troca com uma segunda mercadoria de tipo diferente. (MARX, 1985, p. 62-3)*

Desta maneira, para Marx, os objetos são obsidiados a partir do momento em que se tornam valor de troca, quando assumem forma de mercadoria, entrando em cena no mercado. Os objetos só estão em estado puro de valor de uso, só conseguem não ser obsidiados pelo valor de troca, e se tornarem mercadoria, quando utilizados para

suprir necessidades do seu próprio produtor, que desempenhou na sua produção o seu trabalho humano. Uma forma-mercadoria não tem valor de uso para o seu proprietário, e só tem valor de forma-mercadoria quando esta tiver valor de uso para outro, que não o seu produtor.

Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem por meio de sua atividade modifica as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando dela se faz uma mesa. Não obstante a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo ela aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa fisicamente metafísica. Além de se pôr com os pés no chão, ela se põe sobre a cabeça perante as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas de que se ela começasse a dançar por sua própria iniciativa. (MARX, 1985, p. 70)

Já para Jacques Derrida, em *Espectros de Marx*, os objetos são obsidiados pelo valor de troca, pela forma-mercadoria, ainda em seu valor de uso. Ele dirá que o valor de uso já se encontra contaminado pelo fantasma do valor de troca. Da mesma maneira como o valor de troca estaria inscrito como uma promessa de dom, no entanto este, para além da troca.

[...] se ele mesmo conserva algum valor de uso (a saber, o de *permitir orientar uma análise do processo “fantasmagórico”, a partir de uma origem fictícia ou ideal, portanto, já purificada por um certo fantástico*), esse conceito-limite do valor de uso se encontra de antemão contaminado, isto é, pré-ocupado, habitado, obsidiado pelo seu outro, a saber, este que nascerá

da cabeça de madeira da mesa, a forma-mercadoria e sua dança de fantasma. (DERRIDA, 1994, p. 214)

Em *Dar (el) tiempo: la moneda falsa*, Derrida problematiza a respeito do dom. Segundo ele o dom só existe se no mesmo momento em que o objeto está sendo “doado”, doador e receptor esquecerem completamente o ato, e que além de esquecer, eles não devem “perceber” tal ato, caso contrário não há possibilidade da existência do dom.

Para que haya don no sólo es preciso que el donatario o el donante no perciba el don como tal, que no tenga ni conciencia ni memoria ni reconocimiento de él; también es preciso que lo olvide en el momento mismo, e incluso que dicho olvido sea tan radical que desborde hasta la categorialidad psicoanalítica del olvido. (DERRIDA, 1995, p. 25)

Derrida afirma que o dom não pode existir se o doador pensar em receber algo em troca, ou se o receptor se sentir em dívida com o doador. O dom não deve ser nem intercâmbio nem dívida. Então, para Derrida o dom é praticamente impossível. Não há uma relação simbólica, uma troca simbólica entre doador e receptor. Da mesma maneira que os indivíduos já não reconhecem o real valor de uso dos objetos. Na sociedade contemporânea tudo passou a ser uma corrida desenfreada em direção a um mercado consumidor de bens ostentatórios, de consumo exacerbado, consumir por consumir, ou ainda como forma de demonstrar poder.

Neste mesmo texto, Derrida traz o *Ensayo sobre el Don*, de Marcel Mauss. No qual, Mauss, a partir de estudos realizados sobre tribos indígenas, diz que o dom é o intercâmbio de mercadorias, diferindo assim do “conceito” de dom de Derrida, para o qual não pode existir dom se houver intercâmbio. O *potlatch*, um tipo de dom, na visão de Mauss, se dá no intercâmbio entre tribos e muitas vezes se manifesta como jogo. Nesse jogo o donatário doa um bem, *potlatch*, a um receptor, tal receptor deve devolver a oferenda ou destruí-la, para assim

demonstrar que é superior materialmente, que possui poder. Portanto, o doar ou destruir, perder, implica em um ganho, o ganho de poder, demonstração de superioridade (BATAILLE, 1975, p.106-7). Lembrando ainda que esses jogos eram sempre realizados em público, porque não haveria sentido em obter e demonstrar poder sem testemunhas.

Sobre o *potlatch* Mauss, ainda afirma que ele nunca é moderado, mas sim excessivo, e por vezes violento, porque senão ele não seria um dom. O *potlatch* é por excelência o excesso, entrega ao consumo ostentatório e uma forma de adquirir e demonstrar poder.

El *potlatch* (...) no es otra cosa sino el sistema de los dones intercambiados. No difiere de él, por una parte, más que por la violencia, la exageración, los antagonismos que suscita y, por otra parte, por una cierta pobreza de los conceptos jurídicos, por una estructura más simple, más tosca que la de Melanesia, sobre todo en las dos naciones del norte: Tlingit, Haida. (MAUSS in DERRIDA, 1995, p. 45)

É certo que na contemporaneidade existem infinitas opções de objetos e que muitas vezes são adquiridos não por necessidade verdadeira, mas por uma necessidade “psicológica”, uma gratificação particular, um presente que o indivíduo dá a si mesmo, como se precisasse desse determinado objeto para ser feliz, para se sentir completo, ou mesmo, para se igualar aos demais membros da sociedade. E por que não dizer para diferenciar-se dos demais membros da sociedade, demonstrar poder? Nesse sentido, se poderia pensar que se agrega a esse objeto um valor de status, o qual distinguiria as classes a qual pertencem os membros da sociedade.

### **A relação entre os objetos e as personagens nos textos de Hernández**

Remetendo-se agora ao dito no início sobre o fetiche, o valor fetichista que os objetos carregam e o dito por Baudrillard, sobre a



falsa consciência voltada ao culto do valor de troca em sua forma-mercadoria, que hoje se encontra a disposição de todos, mesmo dentro de casa. Em um texto, em particular, de Hernández, intitulado *Las hortensias*, pode-se observar claramente o valor fetichista que um objeto pode obter. O narrador inicia o texto fazendo referência a uma fábrica: “Al lado de un jardín había una fábrica y los ruidos de las máquinas se metían entre las plantas y los árboles. Y al fondo del jardín se veía una casa de pátina oscura. El dueño de la “casa negra” era un hombre alto.” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 176). Este homem alto ao que o narrador se refere é Horacio, que tem por hobby colecionar “muñecas” – aqui o termo utilizado será “bonecas” – porém não somente coleciona, bem como tem uma equipe preparada para montar vários cenários, os quais ele deve adivinhar em que contexto e situação essas bonecas foram dispostas. Todo esse ritual é acompanhado por música tocada ao piano por um pianista contratado especialmente para esses momentos. Mas seu hobby, fetiche, não se submete simplesmente a colecionar bonecas e adivinhar cenários. Ele tem uma boneca especial, que é exatamente a figura de sua mulher, com todas as suas características físicas, e também carrega um dos seus nomes, Hortensia (esposa se chama María Hortensia, mas prefere ser chamada pelo primeiro nome). Essa boneca não é exposta como as demais nos cenários, ela participa efetivamente da vida do casal, eles o colocam a mesa para o jantar, no sofá pra lhes fazer companhia e até para dormir junto a eles na mesma cama. No entanto, a personificação deste manequim não se limita a só participar da família, mas ainda recebe um tratamento em sua produção diferente das outras, Hortensia é cheia de água quente e com um acabamento que se aproxima a textura da pele humana.

No decorrer da narrativa, Horacio adquire mais peças a cada modelo que é lançado, nesse momento aparece a terceira Hortensia, que dá nome a um novo modelo de boneca. No decorrer da narrativa começam a aparecer problemas de relacionamento entre o casal, os

quais envolvem diretamente a boneca que eles consideram membro da família, acarretando o final do matrimônio. Passado certo período o casal se reconcilia e Horacio promete que não mais terá contato com as bonecas. No entanto ele sucumbe mais uma vez ao seu objeto de desejo, gerando novos problemas com María e o levando a um estado mental deficiente. O narrador termina o texto fazendo referência ao mesmo ruído das máquinas da fábrica vizinha: “Y cuando María y el criado lo alcanzaron, él [Horacio] iba en dirección al ruído de las máquinas.” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 233).

Tal referência as máquinas de uma fábrica, feita na primeira e na última frase do texto, bem como durante todo o decorrer da narrativa, poderia gerar uma reflexão sobre uma crítica ao mercado capitalista, que com a infinidade de fábricas e suas máquinas, lança a cada dia novos produtos que seduzem os indivíduos e os fazem querer em demasia tais objetos. Ainda poderia se pensar, com este texto, o porquê se deseja tanto determinado objeto. Possuir determinado objeto seria uma maneira de suprir algo que talvez tivesse sido recalçado em determinada época da vida?

Por meio de *Las Hortensias*, Hernández realiza uma crítica a essa sociedade moderna calcada no capitalismo, a qual desvirtua o real valor dos objetos e a maneira de pensar do ser humano, transformando-os em seres autômatos que servem aos caprichos de sociedade moderna, como lembra Michael Löwy, em relação ao Romantismo vista por Walter Benjamin.

Poderíamos definir a *Weltanschauung* [visão de mundo] romântica como uma crítica cultural à civilização moderna (capitalista) em nome dos valores pré-modernos (pré-capitalistas) – uma crítica ou um protesto relativos aos aspectos sentidos como insuportáveis e degradantes: a quantificação e a mecanização da vida, a reificação das relações sociais, a dissolução da comunidade e o desencantamento do mundo. (LÖWY, 2005, p. 18)

A Hortensia de Horacio não é utilizada em seu real valor de uso, que inicialmente deveria servir a expor roupas em uma vitrine, uma mercadoria que expõe outra mercadoria. Porém, agora ela é utilizada para servir a satisfação dos desejos do seu proprietário, desvirtuando seu inicial valor de uso. Em realidade, é agora uma substituta de María. Ela foi adquirida a fim de substituir María, se por acaso esta viesse a falecer antes de Horacio. Ele, com medo de se sentir solitário, a adquire para suprir uma eventual falta futura. No entanto, com o decorrer dos acontecimentos, este desvirtuar segue outros rumos, a boneca perde o inicial valor de uso e o inicial valor que Horacio pensava dar a ela. Hortensia deixa de ser uma mera boneca utilizada em vitrines para viver junto a Horacio e María, não somente como uma substituta, mas também como a extensão da esposa. Horacio já não consegue mais ver sua esposa como ela era sem a sombra de Hortensia. Bem como determinados indivíduos adquirem alguns produtos para suprir alguma falta e a incorporam em suas vidas como se fosse algo que realmente pertence a ela. Como se esses objetos mercadológicos fossem de importância primordial para que esses indivíduos pudessem seguir suas vidas de maneira completa. Esses objetos nada mais são do que signos de desejo, que não possuem nada além da vocação de produzir o desejo (DELEUZE, GUATARRI, 1985, p. 45).

No entanto, além de se pensar esta crítica ao objeto no capitalismo, em sua forma de mercadoria, carregando somente o seu valor de troca, pode-se ver também outro lado, bem como a música e a literatura, por muitas vezes apresentadas nos textos de Hernández. É para além da música, o objeto no qual ela é executada, o instrumento. E a literatura que, apesar de sobreviver também na oralidade, a exemplo dos cantares de gesta, precisa da tinta, da caneta, do livro, da biblioteca, e porque não dizer, do “consumidor”. Estes mesmos objetos que podem servir ao ideal capitalista do valor de troca, também podem ser a resistência a eles, aquela pequena luz dos vaga-lumes ofuscada pelos projetores que lembra Didi-Huberman.

Felisberto Hernández traz em muitos de seus textos a sua relação com a música e com o instrumento utilizado para realizá-la, o piano, bem como, em tanto outros textos, traz uma personagem na ânsia de escrever, ou ainda, no cansaço de escrever. Como se esse músico, ou esse escritor, estivessem cansados de tanto lutar a contrapelo, de buscar algo utópico, tentando encontrar uma luz no fim do túnel para todo esse disparate da sociedade capitalista.

É fato que tanto o escritor quanto o músico necessitam da sociedade consumista para a difusão do produto do seu trabalho, os bens simbólicos, seja ele recebido pela sua significação, ou para lhe receber como simples mercadoria. O músico necessita do seu piano, produto resultante do trabalho humano de um indivíduo, para realizar os seus concertos, e também necessita dos indivíduos que estejam prontos a pagar para assisti-lo. Bem como o escritor necessita do papel, da tinta, da máquina de escrever, ou do computador, para poder criar os seus livros, também necessita da editora, e do comércio para fazer com que seus livros circulem, e dos consumidores que os comprem para que o resultado do seu trabalho tenha significado. Tanto o músico como o escritor, para realizar o seu trabalho necessitam do objeto que é resultado do trabalho realizado por outro indivíduo, este que para ele, não tem valor de uso, já que não lhe servirá como uso. No entanto, é o produtor desses objetos que assegura a realização do trabalho de outrem. É um círculo onde cada parte realiza o seu trabalho. Desta maneira se foge do círculo do consumo pelo consumo, do consumo como ostentação, da demonstração de poder, do *potlatch*, porque aqui a compra de determinado objeto serve para a realização de determinado trabalho. O objeto já não é mais visto como signo puro de desejo, ele terá uma serventia definida e bem aproveitada, que em muitos casos servirá para o sustento do indivíduo que o adquire e a produção de um bem simbólico, como a literatura e a música, que pode ser uma mera mercadoria ou pura significação.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólico [...] é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadorias e significações –, cujo valor propriamente cultural e cujo valor mercantil subsistem relativamente independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural. (BOURDIEU, 1992, p. 102)

Ainda podem-se encontrar indivíduos que produzem esses bens simbólicos tendo em vista o mercado, produzindo-os como meras mercadorias que visam atingir o maior público possível, as grandes massas. Ou, ainda aquele indivíduo que somente busque apropriação simbólica.

[...] a constituição da obra de arte como mercadoria e a aparição, devido aos progressos da divisão de trabalho, de uma categoria particular de produtores de bens simbólicos especificamente destinados ao mercado, propiciaram condições favoráveis a uma teoria pura da arte – da arte enquanto tal –, instaurando uma dissociação entre a arte como simples mercadoria e a arte como pura significação, cisão produzida por uma intenção meramente simbólica e destinada a apropriação simbólica, isto é, a fruição desinteressada e irreduzível à mera posse material. (BOURDIEU, 1992, p. 103)

Ao contrário dos objetos de *Las Hortensias*, que somente servem à realização dos desejos do seu possuidor, em textos como “El cocodrilo” ou *Por los tiempos de Clemente Colling*, Hernández deixa clara a relação que as personagens mantêm com os objetos do seu trabalho, ambos músicos, pianistas. No primeiro, tem-se um pianista, que não

conseguindo manter-se somente com o que recebe por seus concertos, consegue um emprego de vendedor de meias femininas, produto da indústria da moda, e que descobre que chorar é uma boa maneira de conseguir vender o seu produto. Porém, mesmo tendo êxito em suas vendas, não deixa de lado a sua relação com o piano, e realiza algum pequeno concerto pelas cidades onde passa vendendo as meias, as mesmas cidades onde outrora dava concertos.

Em *Por los tiempos de Clemente Colling* apresenta-se Clement Colling, ex-pianista, cego, e agora professor de piano (que inclusive foi professor de Felisberto Hernández na sua infância, entre seus doze e treze anos). Este texto foi escrito por Hernández em ocasião da morte de seu professor, prestando uma homenagem ao seu antigo mestre. Nesse texto tem-se o músico em relação com seu objeto de trabalho, o piano, e o escritor, também em relação com seus objetos de trabalho, tentando narrar a história do seu mestre, que ainda que fosse cego, mantinha tamanha relação com seu objeto de trabalho que não necessitava de visão para compor, tocar e nem para ensinar. Bem como, no já citado *El caballo perdido*, também se encontram o menino e sua relação de amizade com o piano, nas aulas realizadas com a professora Celina, e este menino já mais velho tentando recriar a sua história da infância, o músico e o escritor.

Se em *Las Hortensias*, a personagem humaniza uma boneca a levando para o seio de uma família, a qual desvirtua totalmente o seu real valor de uso, utilizando-a somente para suprir os seus desejos, nos demais textos citados, cria-se uma relação sentimental entre as personagens e seus objetos de trabalho. Com exceção de *Las Hortensias*, nos demais textos citados, os objetos seguem tendo o seu real valor de uso, e são ainda mais valorizados, porque o indivíduo que os manuseia sabe exatamente o seu valor, e sabe que deve respeitá-lo pelo que ele representa e por tudo que consegue na relação com esse objeto. Esses objetos não detêm somente valor de

troca, mercadológico, eles detêm um valor simbólico, porque são símbolos, signos, do seu trabalho, sem os quais seria praticamente impossível a sua realização.

Hernández leva para a sua literatura esses objetos como Didi-Huberman redescobre os vaga-lumes de Pasolini, que mesmo estando ofuscados pelos projetores dos demais objetos mercadológicos, mesmo na escuridão da sociedade do espetáculo, eles estão lá, e somente podem ser vistos por aqueles que não perderam o desejo de vê-los, por aqueles que ainda acreditam que se pode ver além da mercadoria, por aqueles que acreditam que os objetos não servem somente ao ideal capitalista, à sociedade do consumo de ostentação, mas por aqueles que acreditam que se pode obter através desses objetos o necessário para a sua própria sobrevivência, bem como para o seu enriquecimento cultural. Através da sua literatura, Hernández tenta acender nos indivíduos a esperança perdida nessa sociedade moderna, não que seja necessário voltar ao passado, mas usá-lo em prol do próprio indivíduo e da sociedade em que hoje se encontra inserido, ou como diria Didi-Huberman, lembrando Walter Benjamin: “Trata-se nada mais nada mesmo, efetivamente, de repensar nosso próprio “princípio de esperança” através do modo como o Outrora encontra o Agora para formar um clarão, um brilho, uma constelação onde se libera alguma forma para o nosso próprio Futuro.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 60)

Felisberto Hernández escrevia todas estas linhas na década 40, nessa época ele antevia o caminho da humanidade em relação aos bens de consumo, ao ideal capitalista. Hoje, passados mais de 50 anos, seu patrício, presidente do Uruguai, José “Pepe” Mujica, em seu discurso no evento Rio + 20, com discussões a respeito do desenvolvimento sustentável e maneiras de frear a degradação do meio ambiente, realizado no Brasil em junho de 2012, continua a crítica de Hernández a esse sistema que prima pelo consumo exacerbado,

onde não se valoriza mais o ser humano ou a natureza e os bens simbólicos, mas a produção, os meios de produção, e os produtos provindos dela são considerados acima de tudo.

El hombre no gobierna hoy las fuerzas que ha desatado, sino, que la fuerza que ha desatado lo gobierna al hombre; y la vida. Porque no venimos al planeta para desarrollarnos en términos generales. Venimos a la vida intentando ser felices. Porque la vida es corta y se nos va. Y ningún bien vale como la vida, y esto es elemental. Pero si la vida se me va a escapar, trabajando y trabajando para consumir un plus, y la sociedad de consumo es el motor. Porque en definitiva, si se paraliza el consumo, o si se detiene, se detiene la economía, y si se detiene la economía, es el fantasma del estancamiento y para cada uno de nosotros. Pero este hiper consumo, a su vez, es el que esta agrediendo al planeta. Y tiene que generar este hiper consumo cosas que duren poco, porque hay que vender mucho. Y una lamparita eléctrica no puede durar más de mil horas pendidas. Pero hay lamparitas que pueden durar cien mil, doscientas mil horas. Pero esas no se pueden hacer, porque el problema es el mercado, porque tenemos que trabajar e tenemos que tener una civilización de uso y tire, y estamos en un círculo vicioso. Estos son problemas de carácter político [...] No se trata de plantearnos volver a los hombres de las cavernas, ni tener un monumento del atraso. Es que no podemos, indefinidamente, continuar gobernados por el mercado, sino, que tenemos que gobernar el mercado. (MUJICA, 2012) <sup>1</sup>

Como via Hernández já em seu tempo, o homem esqueceu-se dele mesmo e do seu semelhante, como visto em *Las Hortensias*, tendo

---

<sup>1</sup> Discurso proferido pelo Sr. Presidente uruguaio José "Pepe" Mujica no evento Rio +20, realizado na cidade de Rio de Janeiro, Brasil, entre os dias 13 a 22 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jpZZ7JjQIMU&feature=vwrel>. Acesso em: 12 ago. 2012. Transcrição minha



somente olhos ao progresso capitalista, suas máquinas e produtos. No entanto, como lembrado por Mujica, o que não pode acontecer é o homem se deixar governar pelo mercado, mas sim, tomar as rédeas dessa situação e lembrar que os vaga-lumes ainda existem, e que para eles serem vistos é somente questão de o homem querer vê-los. Talvez, Hernández ainda os visse e tentou através da sua literatura mostrar que ainda há tempo para tentar resolver esses problemas e dizer que há que se acreditar, há que manter a esperança, que mesmo em uma sociedade capitalista e consumista ainda se pode acreditar nos homens e na sua relação com os objetos.

### Referências

BATAILLE, Georges. *A parte Maldita*. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. Tradução: Aníbal Alves. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992 (1974).

BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o projeto das passagens*. Tradução: Ana Luiza de Andrade. Belo Horizonte/Chapecó: Ed. UFMG/Argos, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *El Anti Edipo*. Capitalismo y esquizofrenia. Tradução: Francisco Monge. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1985.

DERRIDA, Jacques. *Dar (el) tiempo*. I. La moneda falsa. Tradução: Cristina de Peretti. Barcelona: Paidós Ibérica, 1995.

\_\_\_\_\_. *Espectros de Marx: O estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução: Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HERNÁNDEZ, Felisberto. *Obras completas*. Volumen I. México: Siglo Veintiuno Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. Volumen II. México: Siglo Veintiuno Editores, 2005.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant. Tradução das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. 2 ed. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985 (1982).